

Destino do Trabalho Científico.

Dificuldades mais Comuns de um Editor

Masami Katayama, TSA¹

KATAYAMA M - Scientific work-purpose. The commonest difficulties of an editor.

1. Avaliação de um trabalho científico pelo Editor e Conselho Editorial

Os trabalhos enviados a qualquer periódico, salvo aqueles encomendados pelo Editor, são submetidos a uma avaliação. Nesta avaliação, os membros do Conselho Editorial e editores consideram o nível da comunicação, de acordo com parâmetros acordados na sua política editorial¹.

Geralmente, as comunicações são científicas. Entretanto, algumas vezes, apresentam informações de caráter político, religioso ou ético, e devem ser separadas. Nestes casos, os conselheiros devem ser ouvidos e os responsáveis pelo veículo informativo precisam opinar, pelas consequências que pode encerrar a comunicação, especialmente aquela que vai ocupar o espaço destinado aos editoriais.

Editorial é o artigo em que o jornal emite o seu conceito ou define sua posição perante certo fato ou determinado tema. Deve primar pela clareza, síntese, precisão e domínio do assunto focalizado². Nele se espelha o posicionamento filosófico do proprietário do periódico. No caso da Revista *Brasileira de Anestesiologia*, os editoriais são de responsabilidade da diretoria, eleita pela Assembléia de Representantes, portanto, representante dos sócios da Sociedade Brasileira de Anestesiologia. A diretoria deve posicionar-se tanto nas questões científicas como nas de outra natureza.

Mesmo nas questões científicas o seu posicionamento é importante, especialmente nos assuntos polê-

micós, que podem influir consideravelmente em certas decisões políticas ou judiciais.

Os artigos científicos são avaliados pelo Editor-Chefe e, pelo menos, por dois outros especialistas da sua escolha, com afinidade de evitar que erros conceituais sejam publicados. Esta análise é feita de maneira impessoal e sem identificação dos autores. Os responsáveis pela publicação da revista não o são com relação às matérias assinadas, mas, aspectos doutrinários não devem ser publicados sem a devida comprovação. Na maioria das vezes, os erros escapam à percepção do(s) autor(es) e compete aos membros do Conselho Editorial chamar atenção².

Os conselheiros exercem papel de vigia das publicações, criticam construtivamente os artigos e orientam sua apresentação. Se os comentários estão em desacordo, um terceiro deve ser ouvido para dirimir as contradições, e o editor não deve publicar a matéria se houver dúvidas quanto à veracidade das informações.

Isto não significa que se o editor for contrário à idéia ou ao método apresentado o artigo não deva ser publicado. Por vezes, métodos chocantes, em princípio, tornam-se moda amanhã. Aliás, os artigos controversos, desde que devidamente fundamentados, merecem ser publicados para que os leitores os contestem ou os reafirmem através de um espaço que lhes é próprio, a seção de Cartas ao Editor.

2. Técnicas de Revisão

A revisão de um artigo consiste em árdua tarefa do editor. Um artigo deve conter um mínimo de informações sobre os autores e dados para facilitar a armazenagem da publicação³.

Todas as informações são da responsabilidade do editor, que deve considerar diferentes aspectos, entre os quais se incluem a publicação correta do(s) nome(s) do(s) autor(es), titulação(ões) local onde o trabalho foi realizado, endereço para correspondência, os unitermos para catalogação, título e outros quesitos formais.

¹ Médico Anestesiologista do Instituto Penido Burnier e Centro Médico de Campinas. Professor Assistente da Faculdade de Ciências Médicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Correspondência para Masami Katayama
Av. Andrade Neves, 611
13020-Campinas-SP

© 1990, Sociedade Brasileira de Anestesiologia

As normas aos autores exigem particularidades, a fim de facilitar o trabalho de revisão, não só do texto, mas destes outros aspectos da publicação.

Para muitos autores é importante sentir-se o primeiro a emitir uma opinião. Apesar da relativa importância deste fato, deve-se dar prioridade a quem de direito, chamando atenção para a data do recebimento da comunicação e quando ela foi aceita para publicação. Esta é a forma de expressar a prioridade. Ao editor compete rever e publicar as datas pertinentes.

Alguns artigos demoram mais que outros para serem processados, e isto se deve à demora das correspondências. Há autores que respondem de imediato, e outros que assim não procedem. Muitas vezes, artigos são aceitos para publicação na dependência do envio de melhores ilustrações, complementação de referências bibliográficas ou resumos. A demora do envio dos itens solicitados pelo editor, dificultam o planejamento de um número, resultando em demora na sua programação

O trabalho de revisão requer paciência, método e tempo. Um artigo é composto de várias partes e as ilustrações que são variáveis, as tabelas, quadros, figuras, fotos e suas respectivas legendas, exigem muito cuidado. O cuidado na inserção em locais apropriados no texto é de responsabilidade do compositor gráfico, sob a supervisão do editor.

Considerando o periódico de uma especialidade médica um órgão científico representativo de uma elite intelectual, é importante que os termos e conceitos emitidos sejam corretos. A revista espelha a cultura, a tradição e o padrão da época da sua publicação e os anúncios refletem o estágio tecnológico. Portanto, é fundamental que a linguagem seja correta. A citação de um termo ou palavra exige embasamentos ortográfico e etimológico.

Os padrões aprovados por comissões apropriadas devem ser seguidos, como as Unidades do Sistema Internacional e o correto uso das palavras, em que pese as discordâncias salutaras que nos levam à perfeição lingüística. As dimensões recomendadas nas Normas aos Autores visam facilitar as revisões e permitir as marcações com os sinais convencionais³.

A título de recomendação, é interessante que o autor, após escrever pela primeira vez o artigo, deixe por um tempo de lado e nem pense sobre o assunto. Após uma ou duas semanas, volte a ele, leia-o criticamente e faça novas edições. Comumente, três ou quatro edições são necessárias para em seguida solicitar a um colega mais experiente que faça com toda liberdade, críticas sobre a matéria. Só após ouvi-lo, reescreve-se a matéria definitivamente. Muitos autores experientes necessitam de sete a nove edições, antes que um original

amadureça a ponto de ser enviado a uma revista. O processo não deve ser apressado⁴.

Assim procedendo, o(s) autor(es) está(ão) colaborando com o editor e em seu benefício, pois propicia rápido processamento da publicação.

Problemas mais comuns do Editor

O não seguimento das Normas aos Autores é o problema mais comum observado pelo editor. As normas foram feitas para auxiliar a apreciação do artigo, inserir sugestões e correções, tanto na forma como no conteúdo e facilitar a composição gráfica.

Entretanto, há senões muito freqüentes, que dificultam o cotidiano do Editor. Enumeramos alguns

Falta de nome e endereço completo para correspondência na folha-carta ou, ao contrário, o autor usa papel personalizado em seu texto, identificando página a página o seu artigo, dificultando a sua apreciação anônima. Mais comum é incluir no corpo do trabalho o nome da instituição ou serviço a que pertence. Informações sobre os autores, instituições e agradecimentos devem ser incluídas em folhas próprias.

Estes problemas são comuns, independentes dos artigos encaminhados. Sobre os artigos científicos, de acordo com a classificação adotada pela *Revista Brasileira de Anestesiologia*, observa-se:

Introdução: Muitos autores excedem nas histórias, repetindo conceitos sedimentados e que se encontram nos livros textos. Os conceitos consagrados devem ser citados somente quando o trabalho tem por objetivo reafirmá-los ou contradizê-los.

Muitas vezes, os autores antevêm os resultados e escrevem o que anseiam ou julgam obter e, em outras, omitem o objetivo de trabalho, dificultando a compreensão do que foi feito.

O segundo princípio de Descartes - "Dividir cada dificuldade a ser examinada em tantas partes quanto possível para resolvê-las"⁵, talvez auxilie os autores a serem mais objetivos em suas comunicações.

Na introdução cabe o motivo do trabalho, as contradições que levaram o autor a escolher o tema e, essencialmente, o seu objetivo.

Metodologia: A maior carência é encontrada na metodologia. Os estudos clínicos de modo geral, e em específico, em Anestesiologia, subentendem a comparação de métodos ou técnicas. Dificilmente consegue-se apresentar algo inédito, original.

As drogas novas ou em lançamento, quando nos chegam, já foram estudadas em outros meios, ao menos nos locais de sua origem, visto que não dispomos de tecnologia própria para este tipo de desenvolvimento. Assim, quase sempre tratamos de comparar duas ou

mais técnicas, dentro de nossas possibilidades, na busca daquela que apresente menor incidência de complicações ou mortalidade. Para isto, são necessários definir, quem, *quê, como, quando?*

Quem? - Qual a população estudada?

A preocupação casuística leva muitos autores a procurarem números e deixarem a qualidade. Nos estudos comparativos, as amostras devem ser homogêneas, pois é impossível comparar amostras heterogêneas.

Estudos em animais exigem que a raça, espécie, idade e pesos sejam semelhantes. Se a população estudada é a humana alguns cuidados são exigidos, como anuência da Comissão de Ética do hospital e autorização dos pacientes ou de seus responsáveis.

O mais importante é a definição do grupo estudado. Se paciente pediátrico, recém-nascido, lactente; crianças de grupo etário restrito fornecem dados mais significativos que uma população mista. E conveniente, entre jovens, separar se estão na puberdade ou adolescência. Gestantes com 40 anos devem ser excluídas caso constituam minoria marcante em um grupo de grávidas com média de 20 anos, e assim por diante. O editor depara, com freqüência, com grandes casuísticas, desqualificadas.

Quê? Como? Quando?

A pedra fundamental da metodologia está nos parâmetros que são medidos. E necessária a descrição com clareza do que se pretendeu medir (o *quê?*), quais os instrumentos empregados nas aferições (como?) e em que ocasiões as medidas foram feitas (quando?). O quarto princípio de Descartes merece ser exposto: "Fazer, para cada caso, enumerações tão exatas e revisão tão geral que estivesse certo de não ter esquecido nada."

Se os dados não forem colhidos de forma ordenada, os resultados não permitirão adequado tratamento.

Nota-se com muita freqüência o uso de termos "diferença" entre dois grupos de parâmetros, sem a devida comprovação estatística. Deve-se chamar a atenção que "diferença significativa indica, no meio científico, diferença estatística, que exige referência a tratamento, grau de significância e erro considerados".

Resultados: Muito comum é a apresentação de resultados que não constam do método e comentários subjetivos. "- O cirurgião ou o companheiro achou que foi muito bom..."

A ausência de tratamento estatístico dos resultados é outro problema comum, e que gera dificuldades para a discussão.

Os resultados devem ser apresentados de maneira impessoal e objetiva sem comentários. Sempre que possível, deve-se ilustrar o que foi feito, lembrando que o excesso de dados dificulta a compreensão e análise.

Discussão: Se o método é incorreto, os resultados são falsos, logo o trabalho é impertinente. Há situações em que o método é correto, mas os resultados permitem interpretações diversas, que geram, muitas vezes, confusões. Por exemplo, teste estatístico não significativo, muitas vezes, não significa não haver diferenças. Pode indicar que a amostra é imprópria.

Entretanto, os maiores problemas, em nosso meio, são a necessidade de afirmação de autores estrangeiros ou a concordância de resultados. A frase ou semelhante, "nossos resultados concordam com os de fulano...", é muito comum. Mas, a análise acurada do trabalho citado evidencia metodologia completamente diferente; logo, a comparação é indevida.

O grande número de citações para afirmar um conceito é outra constante desnecessária. "- Os nossos resultados confirmam os achados de A, B, C etc...". A análise destas citações revela a repetição, ou que se trata de referência. E fato comum a comparação de resultados obtidos em animais como aqueles no homem.

As inferências de conclusões sem considerar os resultados obtidos, discussões sobre resultados não referidos no método ou conclusões sobre mecanismos de ação de drogas, quando estes não eram os objetivos assinalados, são freqüentes.

Muitos autores expõem opiniões como se fossem fatos, o que deve ser evitado. Daí as recomendações de se evitar as "comunicações pessoais" como referência.

O excesso de palavras sem objetividade exige muito esforço para tornar a leitura suave. Há que se considerar frases que não correspondem à boa linguagem. Alguns exemplos, "o trabalho sugere...", ou "os resultados sugerem...", quando trabalhos ou resultados não sugerem. Quem sugere é sempre uma pessoa. Muitas frases semelhantes necessitam ser corrigidas.

Ao invés do modo direto de escrever, sóbrio, isento de prolixidade e livre de enfeites que só fazem distrair, muitos autores defendem seu próprio estilo, esquecendo que explicação, clareza, inteireza, imparcialidade, ordem, acuidade, objetividade e simplicidade são elementos considerados fundamentais nos escritos científicos.

Os editores deparam com freqüência com tautologias, isto é, dizer a mesma coisa duas vezes, com palavras diferentes. Exemplos: "cada indivíduo, isoladamente"; "planejamento antecipado"; "a razão para isto é porque". Ou excesso de adjetivação como "absolutamente perfeito", quando o correto seria "perfeito"; "não verdadeiro de fato", ou simplesmente "falso"; "perfeitamente compreensível" quando "compreensível" é suficiente.

Finalmente, os circunlóquios⁶, ou frases comumente empregadas e que seriam substituídas com vantagens por uma só palavra. Os exemplos são inúmeros, citamos “em vista do fato de” (porque), “exatamente da forma que” (como), “se admitirmos que” (se), “apesar do fato de” (embora), “neste preciso momento” (agora), “que se conhece pelo nome de” (chamado), “chegar a uma conclusão” (concluir) ou “em vista das circunstâncias mencionadas” (portanto) e muitos outros.

Referências Bibliográficas: Referências em desobediência à normas, tanto da citação no texto quanto na forma de apresentação, são constantes. Entretanto, nada é mais cansativo que citações impertinentes. Há trabalhos encaminhados cuja lista de referências ocupa espaço semelhante ao do texto... Muitas citações comparam fatos ocorridos em animais com o homem. A comparação entre mulher grávida e animais prenhes é freqüente.

Um bom trabalho de investigação não exige mais que 20 citações para apresentar as contradições e o objetivo na introdução do tema, metodologia e discussão dos seus resultados.

Conceitos ainda não consagrados podem ser demonstrados com poucas referências de autores que, trabalhando com métodos iguais, obtiveram resultados concordes. O próprio autor deve ter um mínimo de credibilidade para emitir determinado conceito, além do que, uma vez expresso, o periódico deixa espaço para contestações diversas. As Cartas ao Editor são indicativas da expressão do periódico: quanto mais desenvolvida esta secção, maior a credibilidade dos artigos, maior a importância de seu conteúdo editorial.

Ilustrações: Aqui reside o maior tormento dos editores. Poucos são os autores que seguem as regras mínimas requeridas nas normas. Estas normas existem para

que as ilustrações encaminhadas sofram um mínimo de interferência dos compositores gráficos e não haja perda da informação original. Por isso, as dimensões devem ser respeitadas. A solicitação de legendas separadas, desenhos em papel vegetal e outras exigências existem em proteção das informações e dos autores. E, infelizmente, elas são pouco respeitadas.

Resumos: Os resumos geralmente deixam a desejar. Possivelmente, porque, ao terminarem o trabalho, todos se dão por satisfeitos e, quase por preguiça, não devotam o tempo necessário para a sua confecção. Costuma-se dizer que um trabalho leva um ano para ser planejado, um mês para ser executado, uma semana para ser escrito e um dia para ser revisto. O resumo, este é feito, quando muito, em uma hora. Esquecem que o resumo é parte integrante de qualquer comunicação e que ele determina a leitura na íntegra ou não do trabalho. Toda leitura inicia-se pelo resumo. Se a metodologia está descrita de forma clara a permitir perceber que os resultados são coerentes, continua-se a leitura, caso contrário, ela é abandonada. Os resumos devem conter sete itens: Por que?, que?, quem?, como?, quando?, resultados mais importantes e conclusão⁷.

Existem periódicos especializados em resumos e indexadores de informações a partir destes.

Concluimos com algumas recomendações àqueles que pretendem valer-se da linguagem para exprimir seus pensamentos em comunicações científicas:

1. Seja sempre positivo, evite as duplas negações.
2. Não use metáforas, analogias ou outras figuras de estilo encontradas em obras impressas.
3. Prefira uma palavra curta em lugar de uma longa.
4. Se for possível excluir uma palavra, exclua.
5. Use voz ativa em lugar de passiva.
6. Evite frases estrangeiras ou jargão se puder usar um equivalente da linguagem comum.

REFERÊNCIAS

1. Parsloe C P - O trabalho editorial (Editorial). Rev Bras Anest 1980; 30:241-242.
2. Barbosa A - Técnica de Editoriais. Para o Curso de Jornalismo. Belo Horizonte, MG, Imprensa Oficial, 1970.
3. IBGE - Manual do Autor. Rio de Janeiro, RJ, IBGE. Diretoria de Divulgação, 1979.
4. Ferreira A A - Escrevendo para publicação. Rev Bras Anest 1987; 37: 302-303.
5. Descartes R - Discurso Sobre o Método. São Paulo, SP. Livraria Exposição do Livro.
6. Barrass R - Os Cientistas Precisam Escrever. São Paulo, SP, TA Queiroz Ed. Ltda., 1979.
7. Katayama M - Os Temnas Livres (Editorial). Rev Bras Anest- 1986, Supl. 6: CBA 2-3.